



Revista Eletrônica de Filosofia  
*Philosophy Eletronic Journal*  
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 16, nº. 2, julho-dezembro, 2019, p.257-267  
DOI: 10.23925/1809-8428.2019v16i2p257-267

## A CAIXA DE FERRAMENTAS CONCEITUAIS DE RICHARD RORTY: O USO DE TÉCNICAS AD HOC

**Heraldo Aparecido Silva**

Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
heraldokf@yahoo.com.br

**Resumo:** O propósito deste texto é evidenciar o uso de técnicas *ad hoc* na abordagem filosófica de Rorty. Em linhas gerais, um dos aspectos mais interessantes e criticados da filosofia neopragmatista rortyana concerne à sua polêmica estratégia de lidar com problemas metafísicos e epistemológicos, que consiste em deslocar todas as questões para o campo da política, da cultura e da moral. Esse recurso de substituição somente pode ser compreendido adequadamente no âmbito da anômala, provisória e *soft* metodologia filosófica de Rorty. Uma vez que a abordagem de Rorty é multifacetada, pois mobiliza autores, doutrinas e áreas de estudo diferentes, além de empregar várias técnicas *ad hoc*, restrinjo o estudo de seus instrumentos filosóficos, àquelas noções que são imprescindíveis tanto à compreensão da filosofia rortyana, quanto para a unidade desse artigo: argumento, recontextualização histórica, apropriação, narrativa e utilidade.

**Palavras-chave:** Neopragmatismo. Metodologia filosófica. Técnicas *ad hoc*.

### **RICHARD RORTY'S CONCEPTUAL TOOL BOX: THE USE OF AD HOC TECHNIQUES**

**Abstract:** *The purpose of this text is to highlight the use of ad hoc techniques in Rorty's philosophical approach. In general terms, one of the most interesting and criticized aspects of the rortyana neopragmatist philosophy concerns its controversial strategy of dealing with metaphysical and epistemological problems, which consists in shifting all questions to the field of politics, culture and morality. This substitution feature can only be adequately understood within Rorty's anomalous, provisional, and soft philosophical methodology. Since Rorty's approach is multifaceted, as it mobilizes different authors, doctrines, and fields of study, and employs various ad hoc techniques, restricts the study of its philosophical tools to those notions that are essential both to the understanding of the Rortyan philosophy, and for the unity of this article: argument, historical recontextualization, appropriation, narrative and utility.*

**Keywords:** *Neopragmatism. Philosophical methodology. Ad hoc techniques.*

\* \* \*

## Introdução

A partir da metáfora da caixa de ferramentas, criada por Wittgenstein (1975) no parágrafo onze da obra *Investigações Filosóficas*, o filósofo austríaco estabelece uma analogia entre as diferentes funções das palavras com as diferentes funções de ferramentas: em ambos os casos não há uma hierarquia, pois tanto a utilidade das palavras quanto a utilidade das ferramentas depende, contextualmente, do uso ao qual pretende-se destiná-las. Do mesmo modo que são distintas as funções dos instrumentos, também são distintas as funções das palavras, principalmente, no âmbito filosófico:

Pense nas ferramentas em sua caixa apropriada: lá estão um martelo, uma tenaz, uma serra, uma chave de fenda, um metro, um vidro de cola, cola, pregos e parafusos. – Assim como são diferentes as funções desses objetos, assim são diferentes as funções das palavras (E há semelhanças aqui e ali.) Com efeito, o que nos confunde é a uniformidade da aparência das palavras, quando estas nos são ditas, ou quando com elas nos defrontamos na escrita e na imprensa. Pois seu emprego não nos é tão claro. E especialmente não o é quando filosofamos! (WITTGENSTEIN, 1975, p. 17).

Nessa perspectiva, segundo a qual os conceitos dentro de um arcabouço teórico-metodológico podem ser considerados como instrumentos dentro de uma caixa de ferramentas, podemos considerar que Rorty (1991; 1994; 1997b) maximiza a sugestão wittgensteiniana de que o significado é o uso. Esta inspiração pode ser constatada em momentos distintos de sua vasta produção teórica. Nesse sentido, seus ensaios tardios são frequentemente lembrados (RORTY, 2000; 2006a; 2006b; 2007). Todavia, é preciso mencionar que essa trajetória começa bem antes, em meados da década de 1960, no contexto do evento denominado *virada linguística* [*linguistic turn*], principal fator de mudanças na concepção filosófica contemporânea: “Entenderei por *filosofia linguística* o ponto de vista segundo o qual os problemas filosóficos podem ser resolvidos (ou dissolvidos) reformando a linguagem ou compreendendo melhor a que usamos no presente” (RORTY, 1997, p.3).

Numa rápida digressão, é interessante notar que outros filósofos partiram da mesma inspiração wittgensteiniana para fazer proposições diversificadas acerca de suas próprias proposições teóricas. Recordamos aqui, especificamente, os filósofos franceses Gilles Deleuze e Michel Foucault. Durante uma conversa travada entre ambos, Deleuze declara que:

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. [...] É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. [...] A teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica” (DELEUZE; FOUCAULT, 2008, p. 132).

Nessa linha de pensamento, podemos destacar a criação de diversos instrumentos conceituais deleuzianos, tais como: rizoma, geofilosofia, personagens conceituais, linhas de segmentaridade, literatura menor, dentre outros (DELEUZE; GUATTARI, 2007; 2010; 2011). E ainda, numa alusão ao modo como, ao abordar a história da filosofia, também filosofava, Deleuze (1992, p. 160) elucida que: “Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores”.

Por sua vez, durante uma de suas entrevistas, Foucault também afirmou que: “Todos os meus livros são pequenas caixas de ferramentas” (FOUCAULT, 2001a, p. 588, apud VEIGA-NETO, 2010, p. 18). Em outra ocasião, de forma mais detalhada, ele retoma a analogia wittgensteiniana nos seguintes termos:

A teoria como caixa de ferramentas quer dizer: a) que se trata de construir não um sistema, mas um instrumento: uma lógica própria às relações de poder e às lutas que se engajam em torno delas; b) que essa pesquisa só pode se fazer aos poucos, a partir de uma reflexão (necessariamente histórica em algumas de suas dimensões) sobre situações dadas (FOUCAULT, 2003, p. 251).

As menções supracitadas evidenciam a abrangência da inadvertida influência de Wittgenstein sobre importantes filósofos posteriores. Todavia, a despeito do interesse e relevância da temática, o escopo do nosso estudo não contempla um estudo comparativo minucioso sobre a recepção da analogia da caixa de ferramentas em Deleuze, Foucault e Rorty.

Diante do exposto, retornamos ao nosso eixo principal para discorrer sobre as ferramentas conceituais utilizadas por Rorty em sua abordagem filosófico-literária.

A abordagem metodológica de Rorty para tratar de temas relacionados à sua redescritção da filosofia, implica na utilização de várias técnicas *ad hoc*, isto é, noções reformuladas com o propósito de serem usadas para fins específicos. Nesse sentido, as noções mais importantes são: o argumento, a recontextualização histórica, a apropriação, a narrativa e a utilidade (MALACHOWSKI, 2002; RORTY, 1998a). Embora tais técnicas sejam descritas separadamente, elas são inter-relacionadas e interdependentes.

A utilização dessas técnicas implica numa forte suspeita, por parte de Rorty, quanto à relevância da metodologia filosófica. Para ele, devemos “suspeitar da noção de ‘método filosófico’ e da ideia que a filosofia lidou, e sempre lidará com os mesmos problemas recalcitrantes” (RORTY, 2006c, p. 118). Rorty (1997b) não acredita na existência de problemas filosóficos perenes e métodos especiais criados pelos filósofos que divisam sua disciplina do resto da cultura intelectual. Nas seções seguintes, demonstro a significação das cinco técnicas mencionadas a partir de seus respectivos usos no contexto da proposta neopragmatista rortyana.

## Argumento

A ideia de *argumento* para Rorty é bastante polêmica porque ele não acredita que valha a pena argumentar contra uma posição, mas sim, que é preferível deixá-la de lado e tornar a posição que queremos defender mais atraente. Na sua concepção, argumentar contra uma tradição usando para isso o vocabulário

terminológico e crítico dessa tradição equivale a se inscrever nessa tradição e dar continuidade a mesma. Assim, sua estratégia consiste em repudiar o vocabulário (ou jargão ou terminologia) e fazer uso de novas palavras para dissolver os antigos problemas. Seu objetivo é permutar a confrontação pela conversação (RORTY, 1990, p. 163; 1994, p. 71). Nesse sentido, a argumentação rortyana assume o aspecto de uma esquiva retórica. Embora Rorty não use essa expressão, ele sugere que o recurso discursivo do pragmatista, em um sentido contextualista, deve assumir a seguinte configuração:

Em resumo, minha estratégia para escapar das dificuldades auto-referenciais nas quais “o Relativista” continua se metendo é mover tudo da epistemologia e da metafísica para o campo da política cultural, [...] para sugestões sobre o que devemos experimentar (RORTY, 1998b, p. 57).

Esse desvio rortyano é sempre para um contexto ético, prático ou político porque ele acredita que as questões retóricas sempre foram instrumentos poderosos de mudança sociocultural e podem vir a sê-lo novamente. Em entrevista concedida no ano de 2005, Rorty afirma que tanto a sedução da retórica quanto a racionalidade da lógica são tipos de persuasão. A diferença é que a última seria apenas de um tipo menos violento. Para ele, persuasão e força são duas formas de exercer o poder – sendo a primeira sempre preferível à segunda – e que sua esperança reside na ideia de que um dia todo exercício de poder se resume à prática da persuasão (RORTY, 2005, p.3).

A retórica é tradicionalmente entendida como o conjunto de técnicas de persuasão por meio do discurso verbal. O conceito geral de persuasão, por sua vez, envolve três tipos de elementos: convencer (*docere*), comover (*movere*) e agradar (*delectare*). (TRINGALI, 1988, p. 20-21). O convencer diz respeito à persuasão lógica, pois se dirige à mente dos interlocutores, através de exemplos e argumentos; o comover, que está relacionado à persuasão afetiva, visa às emoções e sentimentos; e, finalmente, o agradar, é uma persuasão de ordem estética, relativa ao gosto e ao deleite dos ouvintes (leitores). Em relação ao sentido de retórica, assim como faz com a filosofia, Rorty (2007) também não se limita a explorar seus elementos: muitas vezes ele procura deliberadamente não distinguir as modalidades de aplicação e, noutros casos, ele amplia sua significação.

Conforme interpretação de Ramberg (1998), a argumentação rortyana pode ser lida a partir de, pelo menos, três posições críticas: a deflacionista, a demonizadora e uma terceira, sem denominação, que é a defendida pelo autor. A perspectiva deflacionista considera que a retórica de Rorty é um empecilho que dificulta compartilhar suas críticas contra a metafísica e a epistemologia. Em geral, Rorty é considerado um filósofo, embora seu pendor por metáforas, ironias, narrativas, provocações e exageros dramáticos sejam vistos negativamente. Já a tendência demonizadora tende a ver a retórica de Rorty, isto é, seus instrumentos discursivos como algo avesso à filosofia; para eles, a negação do argumento equivale à negação da própria filosofia. A terceira opção defende que a contribuição criativa de Rorty para a renovação da filosofia é uma abordagem metafilosófica que somente pode ser devidamente apreciada se não for pensada em termos de oposição ao pensamento argumentativo.

Assim, se considerarmos que a persuasão rortyana ocorre principalmente por meio da redescritção o pensamento redescritivo seria apenas mais um recurso à disposição do filósofo. Tal recurso não substituiria o pensamento argumentativo como a legítima ferramenta do filósofo profissional, mas seria também uma opção viável de reflexão filosófica para quem deseje formas alternativas de investigar o eu, os outros e o mundo.

### Recontextualização histórica

A reconstrução do pensamento de um filósofo, da doutrina de uma corrente filosófica ou a *exposição* de ideias e temas filosóficos pode aparecer, através da história da filosofia, sob a égide de cinco métodos distintos. 1) Método doxográfico: que apresenta as ideias do filósofo a partir da exposição de textos ou fragmentos textuais de suas obras. 2) Método genético: que apresenta a biografia do filósofo, a gênese e a “evolução progressiva” de suas ideias e doutrinas. 3) Método genético-doxográfico: que combina os recursos dos métodos anteriores, uma vez que apresenta a doutrina (e a biografia) do filósofo fundamentada em seus próprios textos. 4) Método monográfico: que apresenta o estudo delimitado e aprofundado de um tema dentro da doutrina de um filósofo ou de vários. 5) Método historiográfico: que apresenta de forma comparativa o essencial de diversos sistemas filosóficos, com ênfase no apontamento de influências, antecedentes, confronto de posições e desenvolvimento de ideias. É frequentemente utilizado em manuais de história da filosofia. Os métodos supracitados não são excludentes e, por isso, é possível encontrar trabalhos nos quais foi necessária a utilização de vários métodos (CATURELLI, 1966, p. 315-316).

Quanto à noção de recontextualização histórica, Rorty defende que existem pelo menos quatro possíveis gêneros historiográficos para se abordar a história da filosofia: 1) Reconstruções racionais; 2) Reconstruções históricas; 3) História intelectual [*Geistesgeschichte*] como Formação Canônica; e 4) Doxografia (Rorty, 1998<sup>a</sup>). Quando Rorty faz uso de reconstruções históricas, elas podem oferecer tanto um quadro abrangente sobre como a história da filosofia se desenvolveu, quanto um esboço oportuno sobre tópicos específicos. Em ambos os casos, a reconstrução oferece uma interpretação distinta e controversa porque visa atender seu desejo de mostrar que os problemas filosóficos considerados perenes, são opcionais (MALACHOWSKI, 2002).

Todavia, sua principal hipótese e contribuição no campo da historiografia da filosofia é a estipulação de um “gênero mais rico e mais difuso” do que os anteriores, por ele denominado de “história da ideias”. Rorty mantém o sentido de história das ideias, mas usa alternadamente as expressões “*intellectual history*” e “*history of ideas*” (RORTY, 2006<sup>a</sup>, p. 73). Em linhas gerais, essa é a forma através da qual Rorty lida com textos de filosofia: conforme o último gênero historiográfico citado, importantes filósofos mortos são anacronicamente redescritos e recontextualizados (RORTY, 1998<sup>a</sup>). Assim, Rorty procura ler os grandes filósofos mortos de uma forma inusitada, que diverge da imagem mais ou menos consensual que a tradição filosófica ou os historiadores da filosofia contemporâneos têm de determinadores autores. A fim de dialogar com o filósofo do passado, a contribuição de tais autores é inserida em diversos contextos e redescrita na terminologia atual.

## Apropriação

Malachowski (2002, p. 49-50) afirma que Rorty tem um “talento consistente, que beira ao de um gênio, para se apropriar do trabalho de outros filósofos”. À primeira vista, a miríade de autores que figura nos ensaios rortyanos pode dar a impressão de uma “aparentemente dúbia dependência de argumentos de autoridade”, mas através da noção de apropriação, é possível verificar que Rorty procura encontrar várias formas de usar o legado filosófico para diferentes propósitos. Malachowski afirma que:

Outros tipos de apropriação rortyana incluem: adoção de visões, linhas de argumento e temas, seleção cuidadosa de citações (algumas das quais não são explícitas, uma técnica para iludir críticos que Rorty compartilha com Michel Foucault), cooptação de filósofos que necessariamente não endossam – e podem até mesmo se opor – a posição que ele imagina [*envisage*] para eles, e a extensão ou desenvolvimento das ideias dos filósofos (MALACHOWSKI, 2002, p. 50, *tradução nossa*).

Rorty (1990; 1997b; 2006a) usa esse recurso, a apropriação, tanto para *criar* seus predecessores quanto para *criar* novos aliados. Assim, por exemplo, ele seleciona e reformula aspectos da filosofia de determinados autores, tais como Heidegger, Wittgenstein, Dewey e Davidson; e, pacientemente, conecta-os à sua causa neopragmatista (RORTY, 1991; 1995; 2006b).

Embora exceda o escopo deste artigo, é preciso mencionar que a apropriação filosófica de Rorty foi inspirada na apropriação literária de Harold Bloom. A principal diferença entre ambas reside no uso de *tropos* retóricos. A apropriação literária de Bloom possui um sistema mais complexo, constituído por seis modos revisionários (ironia, sinédoque, metonímia, hipérbole, metáfora e metalepse) para a ação do método de crítica literária da desleitura na teoria poética (BLOOM, 1991; 1992; 2002; 2003). Já na apropriação filosófica de Rorty, o sistema é mais flexível, pois se baseia em dois modos revisionários (a ironia e a metáfora), para a ação do método filosófico da redescrição (RORTY, 1994; 1995; 2006c). Em ambos os casos, na desleitura e na redescrição, o objetivo é o mesmo: efetuar leituras revisionárias a partir da ação dos *tropos* em pares dialéticos para minar a leitura forte dos precursores e propor interpretações e usos alternativos para o seu legado (SILVA, 2019).

A admoestação necessária aqui, é que Rorty não se limita ao uso exclusivo de um determinado tipo de apropriação. Um leitura atenta de suas obras e textos tardios revela uma sutil alternância entre a apropriação filosófica e a apropriação literária. E tal aspecto, comumente, costuma passar despercebido ou é meramente ignorado por uma parcela significativa dos seus críticos.

## Narrativa

O uso rortyano de narrativas é, em geral, associado às reconstruções históricas, mas ele também, conta histórias que são ficções integrais ou parciais. Para Rorty, narrativa significa contar uma história [*storie*] sobre alguma coisa e o propósito de tecer tais narrativas é dar sentido à existência do autor (BORRADORI,

1994, p.114-15). Esse sentido é parcial e contingente porque os seres humanos são livres para modificarem, sempre que desejarem – ou forem provocados – o significado de suas vidas. A narrativa está fortemente conectada com a noção de redescrição, como ele escreve em *Contingência, Ironia e Solidariedade* que “não há resposta a uma redescrição a não ser uma redescrição” – isto porque não existe nenhuma instância a-histórica, universal e absoluta que sirva de ponto neutro para julgar todas as culturas, que no seu entender são “vocabulários corporificados” (RORTY, 1994, p. 111-112).

No corrente século XXI, essa atitude neopragmatista seria uma reação mais apropriada contra ideias retrógradas, perpetradas através de noções absolutas veiculadas nos vocabulários legados por nossos ancestrais e que cerceiam a criação de novas ideias, linguagens e liberdades. De modo geral, esta também seria a esperança rortyana de que os jovens das próximas gerações, ao elaborarem suas próprias narrativas (sob a forma de romances, filmes, histórias em quadrinhos, poemas, programas televisivos, instituições etc.) lembrassem de ampliar o raio de ação do termo “nós”, por mais estranho ou louco que tal descrição – ou redescrição – possa parecer para muitos de seus contemporâneos. Todas essas áreas mencionadas podem ser utilizadas tanto para o deleite pessoal quanto para a mudança política, o ensino moral e muitas outras coisas, pois não há uma missão específica para elas em sua contribuição para a cultura (RORTY, 2005, p. 6.).

Em outras palavras, Rorty espera que possamos transformar partes do mundo, redescrivendo-as. Esta ideia prescinde do pressuposto universalista que sustenta a existência de uma essência humana comum em todos os seres humanos e, em contrapartida, investe em dois atributos comuns à humanidade: a *humilhação*, compreendida como a ideia de que todos são passíveis de sofrer um “tipo especial de dor”, que “todos podem ser humilhados pelo desmantelamento forçado das estruturas particulares de linguagem e de crença nas quais foram socializados (ou que se orgulham de ter formado por si próprios)”; e a *narrativa*, a capacidade de contar histórias sobre sofrimentos ou triunfos passados e também sobre cenários alternativos, preferíveis aos atuais (RORTY, 1994, p. 222; 227)

Na acepção rortyana, a fim de compreender ou justificar uma ação genocida, tanto as vítimas quanto os algozes podem até tentar inutilmente negar a *humanidade* uns dos outros; mas ninguém podem negar que se algo de ruim acontece com uma pessoa “estranha” do outro lado do mundo o mesmo pode acontecer com qualquer um de nós. Assim, devemos nos importar com pessoas desconhecidas e contar a sua dramática história. E, para convencer outras pessoas a ajudar indivíduos “diferentes” (no que tange ao país, raça, costumes, religião etc.) podemos concluir nosso relato com algo do tipo: ‘devemos nos importar com ela porque isso poderia ter acontecido com um amigo seu’; ou, ainda, “ela poderia ser sua filha”. Neste sentido, a solidariedade que apela, através de narrativas inspiradoras ou dramáticas, para o individualismo das pessoas faz mais pela comunidade do que qualquer tentativa de justificação universalista (RORTY, 1994, 239).

## Utilidade

A abordagem “anti-essencialista” rortyana assume a possibilidade de que “*todo texto é maleável*” e que “*qualquer texto pode ser sensatamente moldado sob a forma de qualquer interpretação extrínseca se os resultados forem apropriadamente*

úteis” (MALACHOWSKI, 2002, p. 95). Como Rorty considera que nenhum texto possui uma essência, isto é, um significado intrínseco, ele se sente autorizado a ignorar as demais interpretações acerca desse mesmo texto, a fim de fazer prevalecer a sua. Aqui, novamente, a estratégia geral é não falar contra uma posição (interpretação), mas sim exaltar a sua própria posição (interpretação).

Embora a utilidade [*usefulness*] seja uma das noções mais frequentes na obra rortyana, ela não tem um significado fixo, pois se trata de uma noção contextual, que não é definida isoladamente. Em geral, aquilo que é útil está sempre em conformidade com os “interesses e práticas” do indivíduo ou do grupo. Tanto o significado da utilidade individual quanto o da utilidade social são pensados como algo que “flutua de acordo com as demandas de casos particulares” (MALACHOWSKI, 2002, p. 95). Em boa parte dos casos, Rorty considera útil se: a) facilita a apreciação do que ele está tentando obter; b) encoraja a exploração de questões importantes suscitadas por seus escritos-chave; e c) ilumina o caminho para uma adequada consideração do quão social e intelectualmente úteis são seus principais temas (MALACHOWSKI, 2002; RORTY, 1997b). Assim, quando o termo “útil” aparece nos textos de Rorty, o mesmo pode estar sendo usado para descrever uma ideia ou exemplo que desempenha eficientemente uma função em prol dos propósitos humanos ou para uma melhor recepção das ideias rortyanas.

## Conclusão

No início do século XX, os filósofos tradicionais se escandalizaram com a divulgação por parte de William James (1979) da afirmação do filósofo italiano Giovanni Papini de que a filosofia pragmatista está situada bem no meio das teorias, assemelhando-se a um *corredor em um hotel*, pois inúmeros quartos levam até ele e, seus hóspedes (filosóficos, religiosos ou cientistas) têm que passar pelo mesmo para chegar aos seus respectivos quartos. No século XXI a comunidade filosófica foi tomada pelo horror quando Rorty ampliou a analogia da caixa de ferramentas de Wittgenstein (que originalmente serviu para se referir ao desempenho de palavras em contextos diferentes), combinando-a com a igualmente expandida definição jamesiana de teorias como instrumentos, para designar a sua própria caixa de ferramentas.

Conforme foi demonstrado, Rorty não vê impedimentos em combinar ideias, temas, conceitos, teorias, técnicas e procedimentos metodológicos de autores distintos (contemporâneos ou não); pois, dentro da sua caixa, todos são instrumentos valiosos. No âmbito de seu neopragmatismo, esse recurso é justificado na medida em que concebemos as diferenças teóricas como diferenças de uso. Isto é, na prática um martelo não é melhor do que um serrote ou uma chave de fenda, pois cada ferramenta é projetada para fins diferentes, sendo útil para determinadas funções e não para outras. É só uma questão de bom senso e praticidade preferir um martelo em vez de um serrote para pregar um prego na parede. Assim, na abrangente filosofia de Rorty, sua estratégia filosófico-literária de apropriação, desvio e substituição constitui uma multifacetada abordagem metafilosófica que concebe teorias, métodos e conceitos como instrumentos maleáveis dentro de sua caixa de ferramentas neopragmatista.

Entretanto, esse cenário tranquilo e harmonioso no qual o pragmatista pega emprestado as ferramentas conceituais alheias não é consensual entre os filósofos e outros intelectuais que não compartilham dessa ideia. Os críticos da filosofia de

Rorty concebem seu procedimento metodológico, isto é, o uso suas técnicas *ad hoc* dentro da caixa de ferramentas, como algo insustentável do ponto de vista de uma justificação crítica no âmbito de suas respectivas perspectivas e, não obstante, pleno de consequências com um potencial extremamente perigoso tanto para a metodologia filosófica, quanto para a concepção da própria atividade filosófica (SAATKAMP JR., 1995; HABERMAS, 1996; BRANDOM, 2000; DE WAAL, 2007). O temor é que se essa caixa de ferramentas neopragmatista vir a ser aberta amplamente, seja instaurado o caos metodológico: a ausência de critérios fixos para se definir a verdade e a descrença em metodologias absolutamente independentes de variações. Por outro lado, a esperança de Rorty é justamente que esta caixa de ferramentas permaneça aberta para alastrar a pluralidade teórica, o holismo, a relativização das descrições aos propósitos, a hermenêutica e o revisionismo dialético.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS:

- BLOOM, Harold. **Cabala e Crítica**. Trad. Monique Balbuena. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Poesia e Repressão**. Trad. Cillu Maia. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A angústia da influência**. 2. ed. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Um mapa da desleitura**. 2. ed. Trad. Thelma M. Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- BORRADORI, Giovanna. **The American Philosopher** – Conversations with Quine, Davidson, Putnam, Nozick, Danto, Rorty, Cavell, MacIntyre, and Kuhn. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- BRANDOM, Robert. B. (ed.). **Rorty and his critics**. Oxford/New York: Blackwell, 2000.
- CATURELLI, Alberto. **La Filosofia**. Madrid: Gredos, 1966. p. 294-323.
- DE WALL, Cornelis. O neopragmatismo de Richard Rorty. In: \_\_\_\_\_. **Sobre pragmatismo**. Trad. Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 205-220.
- DELEUZE, Gilles; FOUCAULT, Michel. Os Intelectuais e o Poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. Trad. Roberto Machado. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2008. p. 129-142.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.3. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Editora 34, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O que é a Filosofia?** 3ªed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1.** Trad. Ana Lúcia de Oliveira Guerra. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992
- FOUCAULT, Michel. Poderes e estratégias. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 241-252.
- HABERMAS, Jürgen. Coping with contingencies – the return of historicism. In: NIZNICK, József; SANDERS, John T. (eds.). **Debating the state of philosophy - Habermas, Rorty and Kolakowski.** London: Praeger, 1996.
- JAMES, William. Pragmatismo. In: **Pragmatismo e outros textos.** Trad. Jorge Caetano da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 3-109.
- MALACHOWSKI, Alan. **Richard Rorty.** Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2002.
- RAMBERG, Bjorn T. Rorty e os instrumentos da filosofia. Trad. Antonio M. Pereira. In: PINTO, P. R. M. (org.). **Filosofia analítica, pragmatismo e ciência.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 81-119.
- RORTY, Richard. **Philosophy and the Mirror of Nature.** Oxford: Blackwell, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Objectivity, relativism, and truth – philosophical papers 1.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Contingência, Ironia e Solidariedade.** Trad. Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Presença, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Essays on Heidegger and others – philosophical papers 2.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. **The Linguistic Turn: Recent Essays on Philosophical Method.** Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1997.
- \_\_\_\_\_. A trajetória do pragmatista. In: ECO, U. **Interpretação e superinterpretação.** 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997b. p. 105-127.
- \_\_\_\_\_. The Historiography of Philosophy: four genres. In: **Truth and Progress – philosophical papers 3.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998a. p. 247-273.
- \_\_\_\_\_. Pragmatismo, filosofia analítica e ciência. Trad. Antonio M. Pereira. In: PINTO, P. R. M. (org.). **Filosofia analítica, pragmatismo e ciência.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998b. p. 15-29.
- \_\_\_\_\_. **Philosophy and Social Hope.** London: Penguin, 2000.
- \_\_\_\_\_. Entre Liberalismo y filosofia: entrevista a Richard Rorty. **Astrolábio: Revista Internacional de Filosofia,** n. 0, 2005. Editada pela Universidade de Barcelona. Disponível em: <[http://www.ub.es/astrolabio/Articulos/Entrevista\\_Richard\\_Rorty.pdf](http://www.ub.es/astrolabio/Articulos/Entrevista_Richard_Rorty.pdf)>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2019.
- \_\_\_\_\_. Filosofia analítica e filosofia transformadora. Trad. Heraldo A. Silva. In: **Ensaio Pragmatistas: sobre subjetividade e verdade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006a. p. 49-73.

\_\_\_\_\_. O declínio da verdade redentora e a ascensão da cultura literária. Trad. Heraldo A. Silva. In: **Ensaio Pragmatistas**: sobre subjetividade e verdade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006b. p. 77-103.

\_\_\_\_\_. Uma visão pragmatista da filosofia analítica contemporânea. Trad. Heraldo A. Silva. In: **Ensaio Pragmatistas**: sobre subjetividade e verdade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006c. p. 105-125.

\_\_\_\_\_. **Philosophy as Cultural Politics** – philosophical papers 4. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SAATKAMP JR., Herman J. (ed.). **Rorty & Pragmatism**: The Philosopher Responds to his Critics. Nashville/London: Vanderbilt University Press, 1995.

SILVA, Heraldo A. Filosofia Literária: uma encruzilhada entre os caminhos de Harold Bloom e Richard Rorty, **Philosophica**, Porto (Portugal), n. 51, abril de 2018. p.55-64.

TRINGALI, Dante. **Introdução à Retórica**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VEIGA-NETO, Alfredo. Dicas... (ensaio). **Revista Aulas** (UNICAMP), Dossiê Estéticas da Existência, Campinas, n. 7, março de 2010. p.11-23.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975.